

COISAS

AS novidades não são muitas, e a mais importante é que a flor-de-maio está em pleno viço no Jardim Botânico, horário das 9 às 4; ide vê-la, e ide logo, porque não dura muito. Além disso apareceu o livro de Lourival Coutinho e Joel Silveira, «O petróleo do Brasil — Traição e Vitória», um grande volume de quase 700 páginas. Custa 250 cruzeiros (editor Coelho Branco) mas vale a pena comprar porque além da parte de história e polêmica (pró-monopólio estatal) contém toda a legislação sobre o assunto; outro dia voltarei a falar desse livro.

Todo o quebra-quebra de Formosa, inclusive a depreciação da embaixada americana, foi por causa de mulher nua. Nua (e loura) a senhora de um militar norte-americano tomava seu banho; deve ter deixado alguma janela mal fechada, porque um velho campônio chinês a espiava; espiava e devia estar achando muito interessante porque não é todo dia que um lavrador chinês vê mulher loura nua. O marido surpreendeu o espião que contemplava aquele material «top secret» do Pentágono e, num acesso de raiva, o matou a tiros. Reação exagerada, mas natural, como a da população que se revoltou em massa contra o crime.

Resultado: grave crise nas relações dos Estados Unidos com a China insular. Sugiro uma grande «promoção» (desculpem meter esta palavra entre aspas, mas eu a acho tão irritante que não devemos ter pressa em incorporá-la abertamente à língua) que consistiria nisto: Marilyn Monroe passeando de Lady Godiva pelas ruas de Taipé.

Notícias de Pôrto Alegre: a companhia Tônia-Celi-Autran com o «Otelo» há três semanas no cartaz, casas cheias. Uma destas noites, depois do espetáculo, Tônia Carrero e Paulo Autran eram cumprimentados por admiradores quando um deles, de mais de 60 anos, que se mostrava muito nervoso e trêmulo, confessou de repente que há 27 anos matara sua esposa — «loura como a senhora» — disse olhando fixamente a Tônia.

Um pouco assustada, a artista, sem saber o que dizer, perguntou se a morta também era inocente, como Desdêmona.

O homem respondeu: «não tenho certeza...» — mas uma senhora que o acompanhava gritou: «tem sim, ele sabe que ela estava inocente!».

Quase chorando, o homem contou detalhes da história, e ao se retirar apertou a mão de Paulo Autran com força e emoção: «adeus, colega!».